

Christiano Stockler das Neves Filho A experiência da iniciativa privada

Quando, no final de 1966, o engenheiro civil Christiano Stockler das Neves Filho terminou seu primeiro mandato de três anos como presidente do CREA da 6ª Região, que ainda englobava o estado de Mato Grosso, sua decisão de não pleitear uma nova candidatura já estava tomada. Nasceu em São Paulo, o mais antigo dos ex-presidentes do CREA-SP completou 85 anos no dia 9 de janeiro último e se lembra de muitos detalhes que marcaram sua gestão, iniciada em janeiro de 1964. “Depois do que fiz, achei que tinha cumprido com o meu dever. Além do mais, havia outros que também gostariam de desenvolver um bom trabalho dentro do Conselho” – conta esse paulistano formado pelo Mackenzie, em 1944.

Esse sentimento gregário, Christiano absorveu do pai logo na infância. “Ele era um arquiteto na verdadeira acepção da palavra e foi o construtor do primeiro arranha-céu de São Paulo, o Edifício Sampaio Moreira. Aos 9 anos, eu o vi com o próprio Sr. Martinelli, o italiano que construiria o segundo arranha-céu de São Paulo. Depois soube que o meu pai ajudou o Martinelli a solucionar alguns problemas de cálculos estruturais de sua famosa obra”.

Antes de 1964, Christiano Filho já havia participado, por mais de três anos, da Diretoria do CREA da 6ª Região e conhece detalhes da época de sua fundação. No início, o Conselho recrutava pessoas do funcionalismo público, tanto da Prefeitura Municipal de São Paulo como da Secretaria de Viação e Obras Públicas, em cujo prédio o CREA funcionou por alguns anos. Na época em que foi presidente, o Conselho já ocupava os 1.000m² da sobreloja da Rua Nestor Pestana, adquirida por seu grande amigo Hélio de Caires, “um dos mais atuantes presidentes que o CREA-SP já teve”.

Outro amigo que faz questão de lembrar é o engenheiro Cyro Peixoto dos Santos, que o antecedeu na Presidência do Conselho. “O Cyro e eu estudamos juntos no Mackenzie. No CREA, quando fui seu vice-presidente, éramos os únicos oriundos da iniciativa privada e tivemos de enfrentar um certo ranço burocrático”. E cita um exemplo: “O profissional, para conseguir uma certidão, demorava quinze dias. Como não havia razão para isso, estabelecemos que o Atendimento deveria fazer o serviço em 24 horas”. Tal sistema permaneceu até o ano 2000. A partir de 2001, as certidões passaram a ser disponibilizadas em uma hora.

Christiano Stockler das Neves só podia mesmo ser engenheiro. O avô, Samuel das Neves, construiu as mais expressivas obras ao longo da Rua Líbero Badaró, antiga

Rua São José, e nas vizinhanças do Vale do Anhangabaú, no final do século 19 e início do século passado. O pai, um artista da profissão, fundou a Faculdade de Arquitetura do Mackenzie, em 1917. E mais: o filho, Christiano Neto, também é engenheiro e dono de construtora. É a sina da “engenharia nas veias”.

Na faculdade, atuou no centro acadêmico dos alunos e dirigiu a Revista de Engenharia. “Nossos professores tinham amor pelas matérias que ensinavam”. O engenheiro lembra das cadeiras de Topografia, Astronomia e Geodésia, que preparavam os alunos para fazer medições com a mesma competência de profissionais. “Alguns conhecimentos, no entanto, nem mesmo chegamos a utilizar ao longo da carreira, como os de ‘Pontes, Rios e Canais’ ou ‘Aplicações Militares’”.

Nosso entrevistado trabalhou no Esso quando o nome da empresa ainda era Standard Oil Company of Brazil. Depois, na FNV (Fábrica Nacional de Vagões), na Aços Anhangüera e na CESP (Centrais Elétricas de São Paulo). Foi um dos fundadores do Ibape-SP (núcleo paulista do Instituto Brasileiro de Avaliações e Perícias de Engenharia), do qual foi presidente, e diretor atuante do Instituto de Engenharia.

A exemplo de outros entrevistados desta edição, Christiano Stockler das Neves Filho poderia render páginas de depoimentos. Mas, em suma, é preciso destacar algumas de suas ações que marcaram o princípio de uma nova maneira de administrar o CREA-SP. Foi ele quem primeiro sugeriu o desmembramento do Mato Grosso da 6ª Região, para otimizar a fiscalização em São Paulo. Seu espírito gregário, levou-o a colocar à disposição de outros CREAs, que começavam a se desenvolver, funcionários paulistas da mais alta competência. Quanto à época em que o Conselho tinha apenas 24 conselheiros e cerca de 100 funcionários, o ex-presidente afirma com orgulho que “éramos modelo para as outras instituições e, mesmo depois de afastados do cargo, sempre nos convidavam para eventos e recepções e éramos recebidos com muito carinho. Esse sentimento, portanto, me dá a certeza de que cumprimos nossa missão”. (GM)



Christiano Filho: engenharia nas veias